



## 2º EXAME DE QUALIFICAÇÃO 08/10/2006

Neste caderno, você encontrará um conjunto de 40 (quarenta) páginas numeradas seqüencialmente, contendo 60 (sessenta) questões das seguintes áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias. A tabela periódica encontra-se na página 39.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

### INSTRUÇÕES

#### 1. CARTÃO DE RESPOSTAS

Verifique se seu nome, seu número de inscrição, seu número do documento de identidade e se a língua estrangeira escolhida por você estão corretos.

Se houver erro, notifique o fiscal.

Assine o cartão de respostas com caneta. Exceto sua assinatura, nada além da marcação das respostas deve ser escrito ou registrado no cartão, que não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado.

#### 2. CADERNO DE QUESTÕES

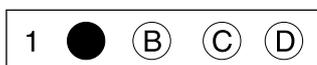
Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Caso ocorra qualquer erro, notifique o fiscal.

As questões de números 16 a 21 da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias deverão ser respondidas de acordo com a sua opção de Língua Estrangeira: Espanhol, Francês ou Inglês.

#### 3. MARCAÇÃO DAS RESPOSTAS

Leia com atenção as questões e escolha a alternativa que melhor responde a cada uma delas. Marque sua resposta cobrindo totalmente o espaço que corresponde à letra a ser assinalada; utilize caneta preta, preferencialmente, ou azul, conforme o exemplo abaixo:



As respostas em que houver falta de nitidez ou marcação de mais de uma letra não serão registradas.

### INFORMAÇÕES GERAIS

O tempo disponível para fazer a prova, incluindo a marcação do cartão de respostas, é de 4 (quatro) horas.

Ao terminar a prova, entregue ao fiscal este caderno e o cartão de respostas.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2007 o candidato que, durante a prova, utilizar máquinas ou relógios de calcular, aparelhos de reprodução de som ou imagem – com ou sem fones de ouvido –, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala de prova levando consigo este caderno ou o cartão de respostas.

**BOA PROVA!**

Vivemos em um mundo onde as diferenças quase sempre seguem o caminho das oposições, pois o que nos é diferente comumente nos assusta e repele.

Ao falarmos de *Diferença e Estranhamento* nesta prova, propomos discutir nosso lugar no mundo... um lugar que possa ser digna e legitimamente diferente para cada um de nós.

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 01 A 05.

## Entre as folhas do verde O<sup>1</sup>

- (...) O príncipe acordou contente. Era dia de caçada. Os cachorros latiam no pátio do castelo. (...)
- Lá embaixo parecia uma festa. (...) Brilhavam os dentes abertos em risadas, as armas, as trompas que deram o sinal de partida.
- Na floresta também ouviram a trompa e o alarido. (...) E cada um se escondeu como pôde.
- Só a moça não se escondeu. Acordou com o som da tropa, e estava debruçada no regato quando os caçadores chegaram.
- Foi assim que o príncipe a viu. Metade mulher, metade corça, bebendo no regato. A mulher tão linda. A corça tão ágil. A mulher ele queria amar, a corça ele queria matar. Se chegasse perto será que ela fugia? Mexeu num galho, ela levantou a cabeça ouvindo. Então o príncipe botou a flecha no arco, retesou a corda, atirou bem na pata direita. E quando a corça-mulher dobrou os joelhos tentando arrancar a flecha, ele correu e a segurou, chamando homens e cães.
- Levaram a corça para o castelo. Veio o médico, trataram do ferimento. Puseram a corça num quarto de porta trancada.
- Todos os dias o príncipe ia visitá-la. Só ele tinha a chave. E cada vez se apaixonava mais. Mas corça-mulher só falava a língua da floresta e o príncipe só sabia ouvir a língua do palácio.
- Então ficavam horas se olhando calados, com tanta coisa para dizer.
- Ele queria dizer que a amava tanto, que queria casar com ela e tê-la para sempre no castelo, que a cobriria de roupas e jóias, que chamaria o melhor feiticeiro do reino para fazê-la virar toda mulher.
- Ela queria dizer que o amava tanto, que queria casar com ele e levá-lo para a floresta, que lhe ensinaria a gostar dos pássaros e das flores e que pediria à Rainha das Corças para dar-lhe quatro patas ágeis e um belo pêlo castanho.
- Mas o príncipe tinha a chave da porta. E ela não tinha o segredo da palavra.
- (...) E no dia em que a primeira lágrima rolou dos olhos dela, o príncipe pensou ter entendido e mandou chamar o feiticeiro.
- Quando a corça acordou, já não era mais corça. Duas pernas só e compridas, um corpo branco. Tentou levantar, não conseguiu. O príncipe lhe deu a mão. Vieram as costureiras e a cobriram de roupas. Vieram os joalheiros e a cobriram de jóias. (...) Só não tinha a palavra. E o desejo de ser mulher.
- Sete dias ela levou para aprender sete passos. E na manhã do oitavo dia, quando acordou e viu a porta aberta, juntou sete passos e mais sete, atravessou o corredor, desceu a escada, cruzou o pátio e correu para a floresta à procura da sua Rainha.
- O sol ainda brilhava quando a corça saiu da floresta, só corça, não mais mulher. E se pôs a pastar sob as janelas do palácio.

(COLASANTI, Marina. *Uma idéia toda azul*. São Paulo: Global, 1999.)

<sup>1</sup> Título retirado de um verso de uma canção popular da Idade Média.

## QUESTÃO

01

No texto de Marina Colasanti, a necessidade de autopreservação da corça-mulher está associada ao sacrifício.

Essa convergência se expressa na seguinte passagem:

- (A) "E quando a corça-mulher dobrou os joelhos tentando arrancar a flecha, ele correu e a segurou, chamando homens e cães." (ℓ. 18 - 20)
- (B) "Todos os dias o príncipe ia visitá-la. Só ele tinha a chave. E cada vez se apaixonava mais." (ℓ. 24 - 25)
- (C) "Ela queria dizer que o amava tanto, que queria casar com ele e levá-lo para a floresta," (ℓ. 35 - 36)
- (D) "O sol ainda brilhava quando a corça saiu da floresta, só corça, não mais mulher. E se pôs a pastar sob as janelas do palácio." (ℓ. 58 - 60)

## QUESTÃO

02

*Mas corça-mulher só falava a língua da floresta e o príncipe só sabia ouvir a língua do palácio.* (ℓ. 25 - 27)

*Mas o príncipe tinha a chave da porta. E ela não tinha o segredo da palavra.* (ℓ. 40 - 41)

Dos fragmentos acima, foram destacados pares de idéias contrárias que são utilizados com valor simbólico.

A alternativa em que os pares se correspondem metaforicamente é:

- (A) corça-mulher e príncipe – natureza e cultura
- (B) língua da floresta e língua do palácio – bem e mal
- (C) só falava e só sabia ouvir – dominação e subserviência
- (D) chave da porta e segredo da palavra – força e fraqueza

## QUESTÃO

03

Em um texto, existem estruturas que, iniciadas por conectivos, têm a função de qualificar termos anteriores.

Um exemplo dessas estruturas está sublinhado em:

- (A) "Puseram a corça num quarto de porta trancada." (ℓ. 22 - 23)
- (B) "que lhe ensinaria a gostar dos pássaros e das flores" (ℓ. 36 - 37)
- (C) "E no dia em que a primeira lágrima rolou dos olhos dela," (ℓ. 42 - 43)
- (D) "e correu para a floresta à procura da sua Rainha." (ℓ. 56 - 57)

## QUESTÃO

04

Uma característica do mundo narrado é a de ser indiferente ao tempo cronológico. Assim, mesmo os tempos pretéritos podem ser usados para indicar o momento presente da narrativa.

O verbo em destaque que representa esse momento presente é:

- (A) "Se chegasse perto será que ela fugia?" (ℓ. 14 - 15)
- (B) "E cada vez se apaixonava mais." (ℓ. 25)
- (C) "que queria casar com ela" (ℓ. 30 - 31)
- (D) "que pediria à Rainha das Corças" (ℓ. 38)



QUESTÃO 06 No poema de Mário Quintana, a sensação de deslocamento no mundo vivenciada pelo eu lírico origina-se da falta de explicação para a existência.

Essa problemática emerge a partir de uma inquietação relacionada aos seguintes temas:

- (A) religião e violência
- (B) arte e engajamento
- (C) imaginação e mudança
- (D) temporalidade e finitude

QUESTÃO 07 As figuras de linguagem são recursos comumente utilizados no texto poético como meio de afastar-se do significado literal das palavras.

A caracterização da figura de linguagem sublinhada está adequadamente indicada em:

- (A) "Os dedos como pétalas carnívoras!" (v. 5) – ironia
- (B) "Como tecem as teias as aranhas." (v. 8) – metáfora
- (C) "No mundo há pedras, baobás, panteras," (v. 11) – metonímia
- (D) "Águas cantarolantes, o vento ventando" (v. 12) – hipérbole

QUESTÃO 08 Além de funcionar como elemento de ligação entre termos de mesmo valor, o conectivo e foi utilizado no texto, algumas vezes, para exprimir o efeito de aceleração contínua.

Esse conectivo foi empregado para produzir tal efeito em:

- (A) "Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o pensamento" (v. 7)
- (B) "E no alto as nuvens improvisando sem cessar." (v. 13)
- (C) "E, cheios de esperança e medo," (v. 18)
- (D) "Mistura, confunde e dispersa no ar..." (v. 24)

QUESTÃO 09 A metalinguagem pode ser percebida quando, em uma mensagem, a linguagem passa a ser o próprio objeto do discurso.

A metalinguagem **não** está presente na seguinte alternativa:

- (A) "A que mundo / Pertença?" (v. 9 - 10)
- (B) "Fazemos / Poemas, pobres poemas" (v. 21 - 22)
- (C) "Foi este o fim da Criação!" (v. 26)
- (D) "Quem faz – em mim – esta interrogação?" (v. 29)

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 10 A 13.

## A terceira margem do rio

- Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. (...) Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. (...)
- Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou<sup>1</sup> o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula<sup>2</sup> e trouxe, não fez a alguma recomendação. (...)
- Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.
- Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (...)
- E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. (...)
- Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. (...) E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse<sup>3</sup> sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma<sup>4</sup> e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia. (...)
- Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: –“Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.
- Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava<sup>5</sup> para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.
- Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.

(ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

Vocabulário:

<sup>1</sup>encalcar – comprimir

<sup>2</sup>matula – saco com comida

<sup>3</sup>bubuiar – flutuar

<sup>4</sup>tororoma – corrente fluvial forte e ruidosa

<sup>5</sup>proar – pôr a proa em uma dada direção

QUESTÃO

10

*A terceira margem do rio* expressa o estranhamento de um personagem – o pai – em meio a suas relações pessoais, à sociedade, à cultura e ao mundo.

Esse sentimento **não** pode ser identificado com a idéia de:

- (A) loucura
- (B) exclusão
- (C) pobreza
- (D) obsessão

QUESTÃO

11

*Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento?* (ℓ. 60 - 62)

Ao utilizar o vocábulo *falimento*, o personagem assume sua incapacidade para:

- (A) prever o futuro
- (B) substituir o pai
- (C) esquecer a infância
- (D) encontrar a verdade

QUESTÃO

12

*De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo.* (ℓ. 24 - 27)

*Se o meu pai, sempre fazendo ausência* apresenta o seguinte valor argumentativo em relação ao fragmento anterior:

- (A) causa
- (B) comparação
- (C) consequência
- (D) exemplificação

QUESTÃO

13

A narrativa de Guimarães Rosa inova a linguagem literária com construções incomuns, que geram estranhamento no processo de leitura.

A alternativa em que a organização sintática provoca esse estranhamento é:

- (A) "Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente." (ℓ. 7 - 8)
- (B) "para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira," (ℓ. 31- 32)
- (C) "O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades," (ℓ. 46 - 47)
- (D) "Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado." (ℓ. 55 - 57)

COM BASE NOS QUADRINHOS ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 14 E 15.



(QUINO. *Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.)

QUESTÃO

14

O efeito humorístico obtido no último quadrinho advém de um imprevisto, que inverte o sentido da história até então estabelecido.

Pode-se dizer que esse efeito de humor é resultante da maneira simplista como o personagem Filipe se posiciona sobre:

- (A) uma ação irrealizável
- (B) um tema complexo
- (C) uma pergunta inusitada
- (D) um segredo inconfessável

QUESTÃO

15

Histórias em quadrinhos costumam reproduzir o modo de falar espontâneo dos personagens.

Na reprodução da fala de um dos personagens, constata-se um desvio em relação à norma culta da língua em:

- (A) "Conhece a ti mesmo"
- (B) "Mas hoje não estou com vontade de ficar fazendo turismo dentro de mim"
- (C) "Não vou parar enquanto não conhecer a mim mesmo e saber como eu sou de fato!!"
- (D) "Meu Deus, e se eu não gostar de mim?"

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 16 A 19.

## A veces, la caricatura somos nosotros

París, agosto de 1968. Participaba en una de las conferencias de jóvenes que analizaba su problemática. Aún quedaba algún cotillón en la conducta de quienes habían vivido mayo de ese mismo año en esa misma ciudad y las puertas y ventanas de los parisinos, antes estrechas y difíciles de abrir, se habían transformado en conductos de contacto con el mundo exterior.

Todo olía a apuesta por la libertad, a la comunicación y a la creación. Era el clima ideal para replantearnos nuestros límites culturales, para ser críticos con nuestra propia conducta y nuestras opciones. La conferencia nos deslumbró cuando, fuera de las horas de trabajo, nos dio la oportunidad para aprender que, aun mirando todos al mismo tiempo al mismo espejo, cada uno veía siempre cosas diferentes.

Lo que ocurrió fue aparentemente insignificante: nos quedamos ocho personas, muy distendidas y de muy buen talante, haciendo tiempo para la cena. En medio de la conversación, alguien, con intención de hacer una broma, le preguntó al delegado de Túnez si era homosexual. Por su reacción, colijo que el desconcierto y el asombro del joven tunecino deben haber sido mayores que los que experimentó el personaje de Kafka, al descubrir que se había transformado en un inmenso insecto.

Se sintió vejado, insultado y el resto de la noche se nos fue en ofrecerle explicaciones y disculpas.

Su mente no comprendía nuestros razonamientos. Su inteligencia, eficaz y brillante durante la conferencia, no podía transitar por los vericuetos racionales en los que pretendíamos internarlo.

Era árabe, musulmán, creyente, venía de un mundo diferente. Pensaba diferente, razonaba diferente, actuaba diferente. La imagen y la historia vivida con el joven tunecino regresó a mí cuando conocí el escándalo que desató en el mundo islámico la publicación de caricaturas sobre Mahoma. No me asombró que esto ocurriera. Me asombró la conducta etnocéntrica de algunos periodistas europeos que no parecen comprender que el otro es precisamente eso, otro, y que por serlo tiene derecho a sus propios razonamientos y a sus propias reacciones.

No culpo a quien realizó los dibujos, a pesar de que expresan prejuicios e ignorancia. Tampoco al pequeño diario que los publicó, pues tenía derecho a hacerlo. Culpo a algunas voces occidentales que aprovecharon este hecho para presentarlo como parte de un inexistente choque de civilizaciones.

Deberemos admitir que somos diferentes, pues provenimos de culturas y experiencias históricas diferentes y, además, debemos estar convencidos de que la diferencia no es una barrera sino una oportunidad de crecer haciendo prevalecer la tolerancia y la reflexión por sobre los prejuicios y los estereotipos.

GUILLERMO GIACOSA  
(<http://www.peru21.com>)

QUESTÃO  
16

Guillermo Giacosa hace un análisis de las motivaciones que llevaron a un enfrentamiento de los musulmanes con la prensa dinamarquesa, después de la publicación de las caricaturas de Mahoma.

Las motivaciones del problema que se nos presenta el autor mejor se explicitan por medio del:

- (A) descaso por la cultura ajena
- (B) desdén por los conflictos religiosos
- (C) desrespeto por la libertad de prensa
- (D) menosprecio por el pueblo musulmán

QUESTÃO  
17

A lo largo de su texto, el autor transita por diferentes tiempos verbales. Sin embargo, en las diez primeras líneas se restringe casi que exclusivamente al uso del imperfecto.

La elección de dicho tiempo verbal denota como objetivo principal:

- (A) aclarar una ocurrencia
- (B) crear una ambientación
- (C) justificar una situación
- (D) proponer una reflexión

QUESTÃO  
18

*Era el clima ideal para replantearnos nuestros límites culturales, (ℓ. 10 - 11)*

Saber reconocer la referencia de un pronombre es comprender mejor un texto.

En la frase seleccionada, el posesivo *nuestros* se refiere a los siguientes elementos:

- (A) emisor y las demás personas de la cena
- (B) autor del texto y joven delegado tunecino
- (C) Guillermo Giacosa y sus compatriotas peruanos
- (D) enunciador y jóvenes participantes de las conferencias

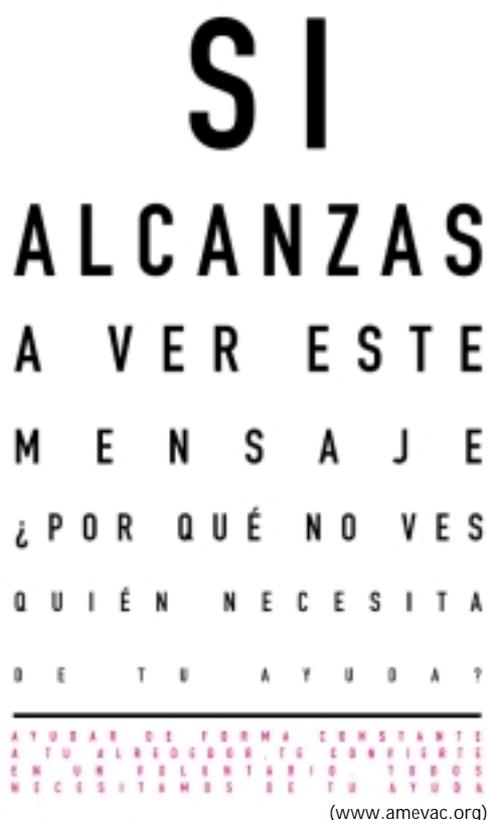
QUESTÃO  
19

*el otro es precisamente eso, otro, y que por serlo tiene derecho a sus propios razonamientos y a sus propias reacciones. (ℓ. 44 - 46)*

Según el autor, una mejor relación entre los pueblos se configura como:

- (A) factible cuando se mezclen las culturas
- (B) posible cuando haya cambios de actitud
- (C) creíble cuando terminen las diferencias
- (D) verosímil cuando se aprenda con los errores

COM BASE NA IMAGEM E NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 20 E 21.



QUESTÃO

20

Los textos suelen dialogar entre sí. En este caso, la publicidad ha sido creada basándose en otro tipo de texto.

Este estratagema se ve confirmado por la:

- (A) adecuación de contenido peculiar
- (B) adaptación de estructuras variadas
- (C) apropiación de macroestructura específica
- (D) aplicación de vocabulario determinado

QUESTÃO

21

El texto se construye por medio de elementos lingüísticos y no lingüísticos.

La disminución gradativa de las letras del mensaje tiene como función principal:

- (A) resaltar la importancia del servicio voluntario
- (B) criticar la falta de visión de algunos voluntarios
- (C) apuntar el reflujo de ayudas a los órganos voluntarios
- (D) enfatizar la alienación de la gente con el servicio voluntario

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 16 A 19.

## LE FIGARO étudiant

La rédaction, 30 novembre 2005

### Qui sont les «nobods»?

C'est bien connu, le campus est une véritable boîte-à-cataloguer. Dans ce microcosme où le besoin de reconnaissance est fort, on a vite fait de poser une étiquette sur les élèves. Les plus en vue sont starisés, les plus discrets marginalisés. C'est le cas des nobods. Ces étudiants de l'ombre qui mènent leur petit bonhomme de chemin, loin du star-system des grandes écoles.

In saisissable nobod... Tous les élèves de grandes écoles en ont entendu parler mais peu sont capables de mettre un visage sur lui. Petit rappel étymologique et linguistique: "Le terme "nobod" vient de l'anglais "nobody", en français "personne", c'est-à-dire le contraire de "quelqu'un". Nobod. Un mot qui laisse perplexe. Voire plonge dans un débat métaphysique où peu oseraient s'aventurer. Que signifie "Personne"? N'est-on pas forcément quelqu'un? Peut-on connaître personne? Pour les réponses, il faudra repasser. Et surtout, se dire que le nobod est avant tout le bout de son nez.

Postulat de base: "Le nobod est un étudiant qui ne s'investit dans rien". Car le nobod, ce sont les autres qui en parlent le mieux. "C'est un ou une élève de grande école pas forcément extérieur(e) à la vie du campus mais extérieur(e) à sa vie publique, explique Raphaël, jeune diplômé de HEC (Hautes Etudes Commerciales). Après, il existe des variantes. "Il y a d'abord le nobod polar, énonce Livio, en dernière année d'ESCP-EAP (Ecole Supérieure de Commerce de Paris), il rend ses devoirs à l'heure et conçoit l'école comme

un lieu où on apprend plein de choses et où on construit son avenir." Puis vient le "supernobod", selon les termes de Livio, intarissable sur le sujet. Celui-là est aigri: il n'aime pas les gens, tous des cons, et ne s'intéresse qu'à l'argent. "Enfin, la pire espèce: le nobod aux dents longues qui lutte contre sa condition inéluctable de nobod", conclut Livio. A fuir absolument, selon lui! Mais quelle que soit sa catégorie, le nobod reste un individu incolore et inodore.

#### TEMOIGNAGE

"Nobod?" Marie, 29 ans, n'avait jamais entendu l'expression. Mais elle s'est tout de suite reconnue dans le concept. Evidemment, c'est par une amie qu'elle a été mise au parfum, mais elle prend plutôt la chose avec humour. "C'est vrai que je ne me suis jamais impliquée dans la vie de l'école", reconnaît cette ancienne élève de la Reims Management School. Elle a bien essayé de monter une assoc, mais ça n'a pas marché. "Je voulais juste décrocher mon diplôme, c'est tout." Ce que son expérience rémoise lui a apporté? "Une méthode de travail."

(<http://www.figaroeudiant.com>)

QUESTÃO

16

Le nobod peut être défini par la caractéristique suivante:

- (A) la réaction inattendue
- (B) la patience inépuisable
- (C) l'intelligence remarquable
- (D) le comportement réservé

QUESTÃO

17

Les étudiants qui sont classés comme nobods sont victimes d'un isolement de la part de ceux qui ont créé cette catégorie.

Parmi les extraits ci-dessous, celui qui confirme cet isolement c'est:

- (A) "Un mot qui laisse perplexe." (l. 7)
- (B) "Que signifie 'Personne?'" (l. 9)
- (C) "A fuir absolument, selon lui!" (l. 33)
- (D) "mais elle prend plutôt la chose avec humour." (l. 40 - 41)

QUESTÃO

18

Marie, la seule nobod qui ait donné son opinion à propos de cette catégorisation des étudiants, a justifié sa conduite par l'objectif qu'elle avait à la Fac.

L'objectif de Marie c'était:

- (A) trouver un emploi
- (B) obtenir un certificat
- (C) organiser une association
- (D) développer les compétences

QUESTÃO

19

*il n'aime pas les gens, tous des cons, et ne s'intéresse qu'à l'argent.* (l. 29 - 30)

La proposition soulignée est paraphrasée dans l'alternative suivante:

- (A) il vise seulement à la fortune
- (B) il refuse absolument de penser à la richesse
- (C) il tente éventuellement d'augmenter les revenus
- (D) il cherche principalement les ressources économiques

COM BASE NA IMAGEM E NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 20 E 21.



Chaque année dans le monde, quelque 48 millions d'enfants ne sont pas déclarés à leur naissance (soit 36% de l'ensemble des nouveau-nés). Ce problème, à première vue purement administratif, a de lourdes conséquences sur la vie et le développement des enfants concernés. Ces derniers se voient privés de toute protection face aux abus et à l'exploitation.

Dans la plupart des cas, les pays dont l'Indice de Développement Humain est faible ont un système défaillant d'enregistrement des naissances.

Dans les villes, le nombre d'enfants enregistrés est significativement plus élevé qu'en milieu rural. Cela s'explique notamment par la forte centralisation des services publics dans les pays en développement. Il est vrai qu'il n'est pas toujours évident pour les villageois de se rendre en ville pour enregistrer leur enfant.

Plan Belgique mène sa campagne en faveur de l'enregistrement des naissances du 8 au 15 mai.

([www.plan-belgique.org](http://www.plan-belgique.org))

QUESTÃO

20

Dans l'image, les silhouettes ne révèlent pas les traits des enfants.

Cette forme de représentation a l'objectif de:

- (A) préserver leur identité civile
- (B) souligner leur invisibilité sociale
- (C) gommer leurs différences ethniques
- (D) nuancer leurs ressemblances physiques

QUESTÃO

21

Obtenir un registre civil pose des problèmes pour la population paysanne.

Ces problèmes sont en relation avec:

- (A) un tabou de la campagne
- (B) un refus de la citoyenneté
- (C) la difficulté des déplacements
- (D) le ralentissement de l'économie

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 16 A 19.



## The “in” group

My eighth grade consisted of 28 students most of whom knew each other from the age of five or six. The class was close-knit and we knew each other so well that most of us could distinguish each other’s handwriting at a glance. Although we grew up together, we still had class outcasts. From second grade on, a small elite group spent a large portion of their time harassing two or three of the others. I was one of those two or three, though I don’t know why. In most cases when children get picked on, they aren’t good at sports or they read too much or they wear the wrong clothes or they are of a different race. But in my class, we all read too much and didn’t know how to play sports. We had also been brought up to carefully respect each other’s races. This is what was so strange about my situation. Usually, people are made outcasts because they are in some way different from the larger group. But in my class, large differences did not exist. It was as if the outcasts were invented by the group out of a need for them. Differences between us did not cause hatred; hatred caused differences between us. The harassment was subtle. It came in the form of muffled giggles when I talked, and rolled eyes when I turned around. If I was out in the

playground and approached a group of people, they often fell silent. Sometimes someone would not see me coming and I would catch the tail end of a joke at my expense.

I also have a memory of a different kind. There was a girl in our class who was perhaps even more rejected than I. She also tried harder than I did for acceptance, providing the group with ample material for jokes. One day during lunch I was sitting outside watching a basketball game. One of the popular girls in the class came up to me to show me something she said I wouldn’t want to miss. We walked to a corner of the playground where a group of three or four sat. One of them read aloud from a small book, which I was told was the girl’s diary. I sat down and, laughing till my sides hurt, heard my voice finally blend with the others. Looking back, I wonder how I could have participated in mocking this girl when I knew perfectly well what it felt like to be mocked myself. I would like to say that if I were in that situation today I would react differently, but I can’t honestly be sure. Often being accepted by others is more satisfying than being accepted by oneself, even though the satisfaction does not last. Too often our actions are determined by the moment.

(<http://media.elmhurst.edu>)

QUESTÃO

16

The text refers to the author's childhood experience in school.

During that period, the relationship between the author and his schoolmates was marked by:

- (A) defense
- (B) avoidance
- (C) animosity
- (D) precaution

QUESTÃO

17

The text is a personal account of perceived differences within a group of schoolmates.

The author's opinion with respect to students' behavior in his school days is:

- (A) tolerance is the remedy for discord
- (B) anger is the reason for discrimination
- (C) harassment is the trigger for group conflict
- (D) indifference is the result of peer disagreement

QUESTÃO

18

*...laughing till my sides hurt, heard my voice finally blend with the others.* (ℓ. 44 - 45)

The attitude of the author as a child is justified by the following fragment:

- (A) "Although we grew up together, we still had class outcasts." (ℓ. 6 - 7)
- (B) "providing the group with ample material for jokes." (ℓ. 35 - 36)
- (C) "I knew perfectly well what it felt like to be mocked myself." (ℓ. 47 -48)
- (D) "Often being accepted by others is more satisfying than being accepted by oneself," (ℓ. 51 - 52)

QUESTÃO

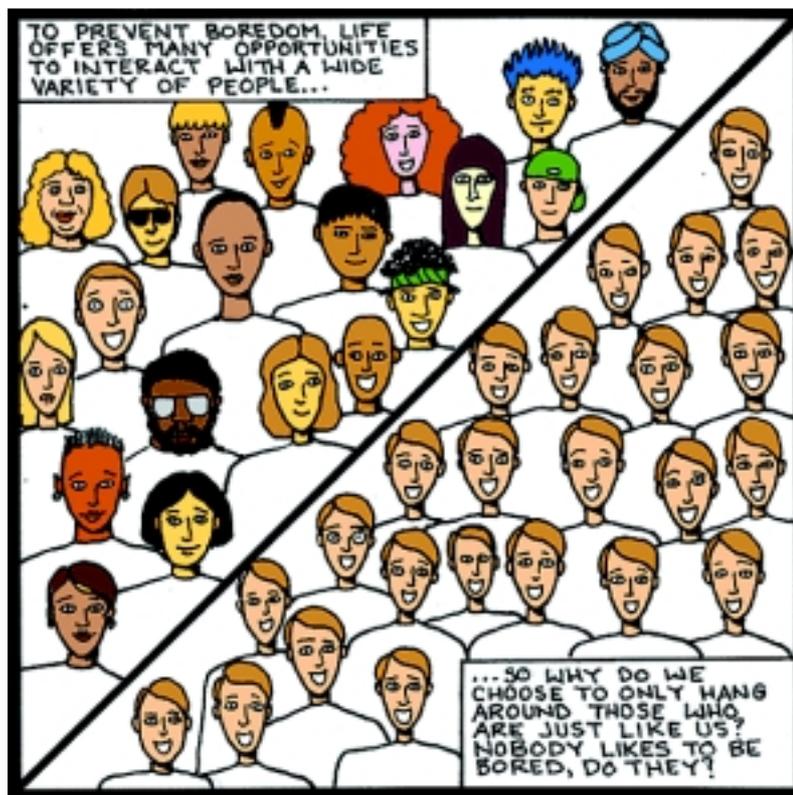
19

*Too often our actions are determined by the moment.* (ℓ. 53 - 54)

The concluding sentence describes a pattern of behavior characterized by lack of:

- (A) civility
- (B) flexibility
- (C) variability
- (D) predictability

COM BASE NA IMAGEM E NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 20 E 21.



(<http://www.aperfectworld.org>)

QUESTÃO

20

The campaign poster makes use of different graphic resources to pass on its message. The images inside the two triangles convey, respectively, the idea of:

- (A) serenity and joyfulness
- (B) diversity and uniformity
- (C) acceptance and rejection
- (D) blending and purification

QUESTÃO

21

The main aim of the author's words is to promote the following result:

- (A) change in behavior
- (B) update of information
- (C) controversy over beliefs
- (D) comparison between cultures